

# O TIL

JORNAL LITTERARIO E RECREATIVO.

PUBLICAÇÃO DA TARDE.

N. 19 }

1875.

{ ANNO I.

## LITTERATURA.

### DA INSTRUÇÃO EM RELAÇÃO AOS DEVERES DO HOMEM.

Basta qualquer simples observação para resolver a questão relativa á instrução popular. O ensino publico considerado como doutrina de direitos não tem base verdadeira, e faz nascer idéas falsas, e só proprias para descontentar os homens com a sua sorte, tornando-os sumamente perigosos á sociedade. Considerada porem como doutrina de deveres so produz effeitos salutaes, benéficos e palpaveis. Acrescentaremos que a doutrina dos deveres, separada da instrução, seria apenas um miseravel engodo, ou antes um invento lesgraçado, para nos sujeitar a deveres ficticios, occultando-nos o conhecimento das verdadeiras obrigações. Quanto mais discorrer sobre este assumpto, mais se conhecerá que a instrução e a doutrina dos deveres são as unicas, que podem desviar a especie humana dos males, que a tem feito girar n'um circulo de revoluções. A instrução prudentemente dirigida, e espalhada pelas differentes condições da sociedade, é absolutamente necessaria para ensinar aos homens o modo de conhecerem; e de cumprirem os seus deveres. Os pais de familia têm

stricta obrigação de doutrinar seus filhos nas primeiras noções, tanto no que diz respeito á existencia, como ácerca de muitos pontos relativos á vida, e sua extrema influencia. Os que desejam que a classe média jaza em supina ignorancia, não vêem uteis á propriedade publica quasquer meios com que se possa augmentar o numero das pessoas miseraveis, estupidas e grosseiras; e que devem tambem francamente confessar que acham conveniente a existencia da gentalha nos estados! Estatheoria por si mesma se refuta. Lancem os homens atilados e de boa fé os olhos sobre alguns condados da Irlanda e Escocia e digam-nos se a situação destes paizes deve causar inveja aos outros.

Não dizemos que os agricultores e operarios devem saber lêr para se entregarem exclusivamente á leitura:—se o fizessem obrariam com o recto juizo, e interesses proprios. E' mister fixar idéas mais exactas da instrução e seus resultados. As escholas elementares arrancam á vadiice, e á ociosidade os rapazes desvalidos; e não só alli se lhes inspiram sentimentos de piedade e religião, infundindo-lhes idéas de ordem, e applicação, como se lhes desenvolvem ao mesmo tempo as faculdades intellectuaes. Qualquer homem que tenha apprendido a ler, es-

crever, e calcular, embora não haja aberto um livro em todo o curso da vida, hade ter sempre mais intelligencia, e por consequencia ser operario mais habil do que o individuo falto de desenvolvimento mental, e que jaza por consequencia em completa ignorancia. Ha livro cuja leitura é indispensavel. As creanças que frequentam as escolas são as que melhor aprendem o catecismo, estando aptas, quando crescem para entenderem o Evangelho, e outros livros ao lance da intelligencia popular. leitura destas obras influindo muito nos costumes, e alem disso mui proprio para afugentar os vicios que consigo traz a ociosidade. Taes são os resultados da instrucção primaria prudentemente dirigida.

(Continua.)

## POESIAS.

### Uma lagrima

SOBRE A SEPULTURA DE MEU SEMPRE LEMBRADO AMIGO—JOSE' ALVES DA SILVA SIMAS.—

Foi na hora derradeira  
Findaste alma fagueira,  
E subiste para os ceus ;  
O delirio atróz febril  
Roubou-te alma gentil,  
Que juntou-se ao pé de Deus.

Deixaste, deixaste o mundo  
Onde um gemido profundo,  
Levou-te alma bemdita ;  
Deixaste o pranto triste  
Depois, depois tú fugiste,  
Da dôr cruenta, maldita !...

Onde habitaes ?...lá nos ceus,  
Unido pois a esse Deus,  
Que decretou-te a existencia ;

Te chamou pois n'um suspiro  
E tú então em delirio,  
Deixaste o lar, innocencia.

Não podias mais soffrer  
A febre, a dôr do dever,  
Que do mundo te levou ;  
Ao ceu então tú subiste  
N'um momento succumbiste,  
Do raio que Deus mandou !...

Oh ! morte ! morte fatal  
Juntaste-te ao som vendaval,  
Para dar o cruel golpe ;  
E n'esse suspiro, amigo  
Buscastes então abrigo,  
A um sóffrimento mui forte.

Illusão !...o mundo é nada  
Descançaste da jornada,  
Voaste da terra aos ceus !...  
Deixaste à familia o pranto  
E ao som d'um triste canto,  
Foste habitar junto a Deus !...

Dormes o somno profundo  
Deixaste sorrindo o mundo,  
P'ra viveres na mansão ;  
Não te lembrátes da vida  
Quizeste acabar co'a lida,  
A' Deus pediste perdão !...

Morrestes !...mas, foi um somno  
E mesmo eu não sei, como  
Fugiste por entre nós.....  
Correstes, voaste aos ceus  
Te juntaste a nosso Deus,  
Onde descansas a sós !...

Em teu sepúlchro verão  
Cypreste, goivo, chorão,  
Para lembranças à vida ;  
Por ti sempre nós choramos  
A' Deus então imploramos,  
A falta, a perda querida.

Por entre os Justos estaes  
Entre anjos descansaes,  
Do desespero profundo ;  
E seja o triste cypreste  
Uma lembrança celeste,  
De tua falta no mundo !...

**Viva o carnaval !**

Folguemos, ó mocidade !  
Exultai, senilidade !  
Que chegou o CARNAVAL !  
Haja prazer e folia,  
Reine a maior harmonia  
N'este brinco sem igual !

Mimosas, gentis donzellas,  
Chegai todas ás janellas  
Para vêr os mascarados;  
Ponde de parte o receio  
Que morreo o vil recreio  
Dos limões endiabrados.

Hoje impera magestoso  
N'este povo tão brioso  
O facéto CARNAVAL,  
Que nos traz dôce alegria,  
Em troca d'essa apathia  
Tão perigosa ao mortal.

Hoje folga a mocidade  
Prêsa aos laços d'amisade,  
Que vincula os Desterrenses;  
Em tudo reina o prazer,  
Té os velhos querem vêr  
Os *masqués* catharinenses.

O CARNAVAL tem magia,  
Que nos deleita, extasia  
Com seu magico condão;  
O seu todo prazeniteiro  
Traz em folga um povo inteiro,  
Da-lhe vida, animação.

com a sua burlesca figura ; não sejamos indifferentes ás meiguices que elle nos prodigalisa ; acompanhemo-lo em seus folguedos.

Somos jovens, o prazer e a alegria foram feitos para nós.

Cada um de nós procure, com interessantes e grutescas vestiduras, tomar parte no facéto Carnaval.

\* \* \*

Algumas sociedades carnavalescas tem-se formado entre nós, as quaes pretendem percorrer, n'estes tres dias, as ruas principaes d'esta Cidade, concluindo os fes-

Folguemos, pois, mocidade !  
Exultai, senilidade !  
Que chegou o CARNAVAL !  
Haja prazer e folia,  
Reine a maior harmonia  
N'este brinco sem igual !....  
Desterro, 7 de Fevereiro de 1875.

Catharino.

**Logogribho**

(Ao logographista H. Silva)

A primeira com a segunda  
Labareda pode ser ;  
E se for lida as avessas,  
O mesmo nome ha de ter.

A primeira com a terceira  
De madeira pode ser,  
E se for lida as avessas  
O mesmo nome ha de ter.

A primeira com a quarta  
De governo pode ser ;  
E se for lida as avessas  
O mesmo nome ha de ter.

Conceito

Para mais não o massar,  
Um conceito vou fazer :  
«E' um jornal brasileiro»  
Mais claro não pode ser.

Desterro, Fevereiro, 4—75.

Antonio C.

tejos com partidas de baile.

A julgarmos pelo apparatus que presenciámos, grande é a influencia que n'este anno deve haver nos folguedos carnavalescos.

Como joven e apologista do Carnaval, n'elle pretendo tomar parte, razão esta por que não pôsso alongar-me mais por hoje.

Na proxima missiva dar-vos-hei conta, chatos leitores, conforme permittirem os recursos intellectuaes de que dispenho, do que houver occorrido durante estes tres dias de regozijo geral.

Tyrreão.

**Logogripho.**

A primeira co'a segunda  
Unidade decimal,  
Se lhe tirar uma lettra  
E' sustento de animal.

A segunda co'a quarta—  
Na marinha me acharás ;  
A quarta por si somente  
Nos adverbios verás.

A segunda repetida  
A' criança mata a fome ;  
A terceira por si só  
Variação de pronome.

A quarta co'a segunda  
De mim hão de preciar.  
Em todas casas de familia  
Por ser traste principal.

Conceito.

ão todo caro leitor  
Nas escolas tenho ingresso ;  
Serve para instrucção,  
Dá á mocidade progresso.

Fevereiro—5—75.

H. Silva.

—v—

**Logogripho.**

(Aos Srs. H. Silva & C.)

Se da prima supprimirdes  
A consoante final,  
Me vereis toda louçã  
Em viçoso almargeal. 1—2  
De um pronome pessoal 3  
Sou uma variação, 4—2  
Sou um movel muito usado, 2—4  
Mas então só no verão.

**CONCEITO**

Em mim falla muita gente,  
Mas mui pouca me conhece;  
Não por falta de quem diga:  
—Onde ha luz não escurece.—

Insulano.

**Charada grammatical**

Verbo auxiliar 1  
Verbo irregular 1  
Conceito  
Verbo regular.

H. Silva.

—«(·)»—

**Enigma pittoresco.**

L  
K  
I  
H  
G  
F  
E  
D  
C  
B  
A

A decifração dos logogriphos publica-  
dos no numero 16 é — *salsaparrilha, fa-  
cultativo e injuriador*, e das charadas é  
— *alerta*, e

IBIS  
BAPA  
IPEM  
SAMO

Catharino.

Typographia do «Conservador»